

## ARGUMENTAR PELO MAL DIZER

Carlos Eduardo Silva Pinheiro<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Linguística Textual (GELT/UNILAB) acerca da relação entre a teoria das Heterogeneidades Enunciativas (AUTHIERREVUZ, 1990, 1998, 1999, 2004, 2007) e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) (AMOSSY, 2007, 2011, 2017), este trabalho objetiva analisar o mal dizer discursivo representado pelas marcas de não coincidências do dizer, um tipo especial de heterogeneidade, como estratégia argumentativa que o locutor realiza em artigos de popularização da ciência publicados na revista *Nova Escola*. Nossa hipótese é de que as não coincidências do dizer são marcas reflexivas presentes no cotexto e que são instauradas a partir da inquietude crítica do enunciador diante do seu próprio dizer. Essas marcas de reflexividade apontam para um fazer argumentativo do locutor em negociação com o interlocutor que busca a expressão mais adequada à persuasão. As etapas da pesquisa foram assim definidas: a) localizamos os trechos com não coincidências do dizer e classificamos as marcas encontradas a partir da tipificação proposta em nosso estudo (não coincidências entre os discursos e não coincidências das palavras com os referentes) (BRITO, 2016); b) analisamos o contexto discursivo em que elas aparecem e interpretamos a que finalidade argumentativa elas se prestam. Consideramos que as não coincidências do dizer promovem uma modificação complexa da significação, pois apontam diretamente para o surgimento de uma exterioridade no fio do discurso e, portanto, assinalam um distanciamento protetor do locutor em relação a seu enunciado. Nesse sentido, as estratégias argumentativas variam conforme a posição assumida pelo locutor em seu texto, fazendo com que ele tenha que lidar com diferentes vozes para se proteger de julgamentos do interlocutor e se tornar, assim, mais persuasivo.

**Palavras-chave:** Heterogeneidades Enunciativas. Não coincidências do dizer. Teoria da Argumenação no Discurso.

## INTRODUÇÃO

Argumentar é humano. Compreender esta afirmação é admitir que as relações de interação sociocomunicativa, mediadas pela utilização de gêneros discursivos, são

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: [eduardopinheiro@aluno.unilab.edu.br](mailto:eduardopinheiro@aluno.unilab.edu.br)

orientadas pelo propósito imediato de agir sobre o outro por meio de estratégias diversas. Nos últimos anos, estes diferentes modos de agir através da palavra têm sido foco investigativo de eventos científicos nacionais e internacionais e de pesquisas e análises linguísticas, principalmente no campo da Linguística Textual (Cf. Cabral (2010), Pinto (2010), Fonseca (2011), Cavalcante (2016), Brito (2016), Koch e Elias (2016) e Marquesi *et al* (2017), para citar alguns estudos recentes nessa área de pesquisa).

Os diversos mecanismos responsáveis por instaurar o fazer persuasivo no texto demonstram que a prática argumentativa pode ser compreendida pelas relações de interação que o sujeito estabelece nas comunidades discursivas das quais participa.

Assim, o fato de que em algum momento somos solicitados a assumir um ponto de vista - seja por afirmações constatativas cientificamente comprovadas e globalmente aceitas, como *A Terra gira em torno do sol*, ou *O Brasil é um país da América do Sul*, seja pela proposição de uma ideia sujeita a questionamentos, como *O impeachment da presidente brasileira Dilma Rousseff foi, na verdade, um golpe político* - revela que agir sobre o outro é uma competência humana. Em outras palavras, toda enunciação parte de uma intencionalidade que, por mais “inocente” que seja, causa uma consequência imediata no interlocutor.

Estudar a argumentação tem, então, uma finalidade prática, porque seus achados fornecem elementos para o estudo do texto em sua dimensão mais ampla, qual seja, o uso cotidiano da linguagem nas mais variadas situações sociais. Por outro lado, recorreremos a estratégias textuais para tornar o dizer mais persuasivo. O estudo dessas estratégias textuais pode colaborar bastante para os estudos em argumentação, daí a importância da Linguística Textual para esse veio investigativo.

Este estudo traz para o escopo da Linguística Textual uma reflexão sobre algumas finalidades discursivo-retóricas das marcas de não coincidências do dizer em artigos de popularização da ciência da revista *Nova Escola*.

## METODOLOGIA

Como dissemos, este trabalho objetiva refletir sobre o emprego de marcas de não coincidência do dizer como estratégias argumentativas. Para isso, seguimos Fonseca (2011) tanto na metodologia de coleta e análise dos dados quanto na relação sugerida entre as heterogeneidades enunciativas e as funções argumentativas.

Introduzimos este autor ao escopo teórico de nossa pesquisa devido ao seu pioneirismo na investigação do estatuto retórico-argumentativo das não coincidência do dizer. Fonseca (2011) analisa as ocorrências de não coincidência do dizer em trinta artigos acadêmicos e trinta artigos de opinião, gêneros discursivos cuja sequência textual dominante é a argumentativa.

A primeira parte do estudo de Fonseca consistiu na identificação das estruturas de não coincidência do dizer no *corpus* selecionado. No total, foram localizados 143 eventos nos artigos acadêmicos e apenas 23 passagens nos artigos de opinião, diferença numérica explicada como uma consequência do domínio discursivo no qual estes textos circulam. Esses resultados apontaram para uma tendência maior de uso de estruturas de reflexividade metaenunciativa em artigos acadêmicos:

[...] os artigos de opinião, diferentemente dos artigos acadêmicos, não são tão propícios ao uso de expressões de não coincidência do dizer. Uma explicação possível pode ser a do domínio discursivo onde estes tipos de textos são veiculados: enquanto os artigos acadêmicos pertencem a um domínio onde há uma indefinição muito grande nos termos utilizados, portanto geradores de hesitação quanto à aplicação de um ou outro termo para definir um conceito, por exemplo, o artigo de opinião, por definição, deve exprimir uma argumentação em favor ou contra uma determinada tese, o que, em tese, obrigaria o seu autor a evitar expressões que possam denotar hesitação ou “medo” de enunciar seus argumentos e, conseqüentemente, conseguir a adesão à tese proposta. Nesse tipo de gênero o autor precisa, necessariamente, estar seguro de seu dizer para que o outro atenda e adira às suas proposições. (FONSECA, 2011, p. 146)

Uma vez localizados estes eventos discursivos, Fonseca (2011) verificou se estas expressões faziam ou não parte de um argumento e, em caso afirmativo, de que tipo de argumento. Depois disso, o estudioso procurou determinar qual a função argumentativa que cada expressão de não coincidência cumpria nos argumentos.

Com base em sua análise, Fonseca (2011) constatou que as não coincidências cumprem diversas funções discursivas ao mesmo tempo. Entre estas funções, destacamos: i) mostram que tipo de sujeito é o que enuncia; ii) revelam as intenções pragmáticas desse sujeito que quer convencer ou manipular; iii) revelam o nível de comprometimento do sujeito com aquilo que enuncia; iv) estabelecem acordos (no sentido da Retórica) para conduzir o discurso; v) mostram os processos inconscientes de análise do sistema linguístico dos quais o sujeito faz uso.

Desse modo, partimos das considerações já realizadas por Fonseca (2011) para dar início à nossa investigação sobre as estratégias argumentativas elaboradas com o uso de marcas de heterogeneidade mostrada, especificamente de não coincidências do dizer.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de Jacqueline Authier-Revuz não tratar da relação entre heterogeneidade e argumentação, pois isso não era o seu propósito, pensamos que esse caminho é frutífero. Assim procedendo, realizamos a leitura dos textos de popularização da ciência que formam o nosso *corpus* e localizamos a presença de marcas de não coincidências do dizer a fim de analisá-las de um ponto de vista retórico e discursivo.

O trecho a seguir pertence ao artigo *Três desafios para uma educação inclusiva*, de Lino Macedo. Nesse texto, o autor defende a tese de que a diferenciação entre “culto” e “cultura” é o primeiro desafio para uma educação ser inclusiva. Objetivando sustentar seu ponto de vista, o autor recorre à alteridade e toma como argumentos as definições dadas por dicionários para os dois termos. A partir dessas definições, o autor toma para si uma ideia de “cultura” e encerra seu posicionamento:

(4) Cultura, **em certo sentido**, todos temos, ou somos atravessados pelo modo como ela se expressa em nossa vida, ricos ou pobres, analfabetos ou alfabetizados. O oposto de cultura não é sem cultura, mas contracultura. (Grifo nosso.)

A não coincidência entre as palavras “em certo sentido” sugere, inicialmente, que a palavra modalizada, isto é, o termo “cultura” comporta uma heterogeneidade

semântica que é reconhecida pelo enunciador, uma alteridade marcada pelo indefinido “certa”. Por meio dessa marca de não coincidência do dizer, o locutor introduz, por um mecanismo intertextual de paráfrase, as definições dadas pelos dicionários ao termo *cultura*. Com esse contraponto ao ponto de vista discursivo do outro, o locutor faz sobressair o seu próprio ponto de vista. Todos os que vivem em sociedade são atravessados por um conjunto de práticas das mais variadas que se constituem como padrões de comportamento, atitudes e valores. Este ponto de vista fica ainda mais claro quando o locutor afirma, em outro ponto do texto e sem a hesitação de uma pausa reflexiva, que “Cultura todos temos, cultos nem todos somos”.

Neste caso, a não coincidência do dizer trouxe a voz de um outro que diz que “cultura” não é exatamente aquela cultura de valores intelectuais, de padrões sociais ligados a arte e beleza. A cultura só é cultura em parte, “em certo sentido”. Dessa forma, o locutor conduz o leitor a seu ponto de vista, ou seja, o de que todos têm cultura, sejam ricos ou pobres, não existe ninguém sem cultura e prega a existência de uma contracultura. A não coincidência do dizer, “em certo sentido” foi usada como uma estratégia de “defesa”, uma tentativa de polidez, para respeitar o dizer do outro, mas, ao mesmo tempo, para fazer valer seu argumento.

## CONCLUSÕES

Nesta breve análise que empreendemos, observamos que, utilizando-se as marcas das não coincidências do dizer, o locutor vai imprimindo no enunciado a maneira como os usos devem ser interpretados, negociando a orientação argumentativa que vai sendo construída no texto. A escolha das formas de significar e de manifestar referentes no jogo polifônico das não coincidências do dizer é fundamental para os acordos e desacordos que se estabelecem na construção colaborativa da argumentação no texto.

Constatamos pela análise do corpus que o que existe no trajeto entre a transparência e opacificação da palavra não é apenas um movimento de laçada reflexiva que complexifica o sentido – isto, a nosso ver, é apenas uma parte do percurso – mas, sim, um processo argumentativo, visto que as escolhas enunciativas intencionais dão ao

locutor a ilusão de controle do dizer e orientam o interlocutor para determinado “caminho de interpretação”, no qual o locutor simultaneamente se afirma e se defende de interpretações outras. O que há nesse *continuum* limitado em seus extremos pela transparência da palavra de um lado e pela opacificação do sentido no outro é uma atividade argumentativa complexa, em que identificar e compreender a opacificação do dizer em seus diferentes modos de realização no texto é participar do jogo persuasivo.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo apoio dado ao longo da execução desse projeto.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Edipucrs, 2004.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (SP), n.19, dez. 1990, p.25-42.

\_\_\_\_\_. Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas/SP: Unicamp, 1998.

BRITO, M. A. P. 2010. Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência. Fortaleza, CE. Tese. Universidade Federal do Ceará – UFC, 213p.

\_\_\_\_\_. O uso argumentativo das não coincidências do dizer. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, p. 207-229, 2016.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. As marcas de heterogeneidade como efeito argumentativo-retórico dos jogos alusivos. 2016. In: XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2016, Recife.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. A força das palavras: dizer e argumentar. São Paulo: Contexto (2010)

FONSECA, C. M. V. 2011. Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer. Fortaleza, CE. Tese. Universidade Federal do Ceará – UFC, 194 p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016





PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação – A Nova Retórica. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PINTO, Rosalice B. W. S. 2010. Como argumentar e persuadir. Práticas política, jurídica e jornalística. ed. 1. Lisboa: Quid Juris.

Os exemplos retirados de textos da revista Nova Escola encontram-se disponível no endereço eletrônico: <http://revistaescola.abril.com.br>